

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA, DROGAS E SOCIEDADE

DISCIPLINA: PSICOPATOLOGIA GERAL II

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CLARISSA M. CORRADI-WEBSTER

M: paciente

F: psicóloga

M: Otávio

F: Você tem algum sobrenome mais?

M: Não só isso.

F: Sua idade?

M: 58 anos

F: Você trabalha hoje em dia?

M: Faço uns bicos.

F: Bicos?

M: Sou programador

F: Programador?

M: Quer dizer... Faço bico. Trabalho numa empresa. Faço bico pra empresas. Então quando eu consigo trabalhar... Eu trabalho... Quando eu não consigo, eu não trabalho.

F: Como assim?

M: É porque nem sempre eu to disposto a trabalhar.

F: Entendi, então você tem um pouco mais de...

M: Liberdade pra escolher a hora que eu to mais inspirado.

F: Entendi. E em que você trabalha em programação?

M: Equipamento eletrônico em geral. Eu faço a programação do chip que vai nos equipamentos... Controle de máquina... Equipamento médico... Industrial...

F: E você sempre trabalhou nisso?

M: Faz uns 25 anos.

F: Você aprendeu faz tempo?

M: É. Tenho muita experiência. Mas meu problema sempre me dificultou, porque eu não conversava com ninguém.

F: Como assim. Que problema que é?

M: É problema de relacionamento. Eu não conseguia... Eu me sentia fechado. Eu me sentia como se tivesse num... Isolado por alguma coisa que impedia qualquer contato com as pessoas. Num conseguia... Então

apesar disso, então, como eu fiz, eu me concentrei, (pausa para pensar), tive um caso, a menina ficou grávida, e eu fiquei com ela. Aí caiu a ficha de eu ter que sustentar a família. Aí foi uma mudança na minha vida. Aí comecei a me empenhar nesse meu trabalho. E focar no trabalho porque fora dele não consigo fazer nada. Fora dele eu não conseguia nem ficar com minha mulher e meu filho. Eu só... Fazia o bastante pra sustentar. Mas assim, ter contato, assim, emocional, de nenhuma forma...

F: Como que você imagina que seria esse contato emocional?

M: Ah! Tipo assim, você segurar o filho e falar, ah! Meu filho! Sentir aquele negócio de filho, sentir sabe? Eu não sentia nada.

F: Hum

M: Tava insensível a isso. Tava num drama interior que não deixava eu sentir nada fora. Eu tava totalmente voltado pra dentro. Tentando resolver, entender o que tava acontecendo comigo.

F: Entendi.

M: E... Bom o diagnóstico aqui é bipolar.

F: Hum.

M: Sei lá. Acho isso aí muito vago, né. Mas, o diagnóstico é esse... Pra mim é a mesma coisa que falar assim, coisa e tal... Tem um problema de febre... É que não consegue ir mais além então fica no superficial.

F: E o que seria ir mais profundo?

M: Ah! Bipolar é um...ah... um efeito secundário ao negócio. Cada um tem um problema e às vezes o problema... Se mostra assim. (Fala difícil e pausada).

F: Hum.

M: Essa bipolaridade. Depressão e euforia.

F: Entendi.

M: Aí eu... Outra coisa... Eu tive umas onze crises. Então... E eu... Então eu tava acostumado a ficar em depressão. No buraco. Que é a maior parte do tempo. Tipo assim, 90%. (riso)

F: Sei...

M: Nos últimos quarenta anos, né.

F: Faz tempo que você esse diagnóstico de Transtorno Bipolar?

M: Não, faz tempo que eu sinto isso, né. O diagnóstico veio depois.

F: Veio depois.

M: Mas o problema não mudou. Quer dizer... Eu acho...É... e... (pausa). Mas aí, então... Nas crise, quando eu tenho crise eu tenho pico mesmo, de sentir que sou deus.

F: Hum.

M: É pico mesmo. E quando é depressão minha é muito profunda. Eu me sinto um nada, eu me sinto um verme, uma coisa desprezível. Que tinha que morrer. Depois que eu tive meu filho, eu tive... Eu tenho

pensado muito em suicídio. Até tentei... Mas eu não conseguia tentar comigo mesmo, mas eu tentei provocar com um pessoal da pesada assim, pra ver se alguém me matava. Tentei duas vezes. (Fala sorrindo).

F: Hum.

M: Mas aí não consegui também. Os caras não quiseram me matar (riso). Então, mas aí depois que eu tive um filho eu nunca mais eu pensei isso. Porque aí me sentir devedor de ter que fazer coisa por ele. Aí seria uma injustiça muito grande. Eu já não tinha mais liberdade.

F: Entendi.

M: Então fui vivendo assim. Me concentrei no... Em programação, lendo livros e livros de programação...

F: E você gosta? De programar?

M: Gostava. Gostava. Agora... Depois... Faz um ano e meio eu mudei. Assim, que equilibrei, pela primeira vez eu equilibrei...

F: Hum!(surpresa)

M: Então, nem um buraco, nem em cima. No meio assim... (riso).

F: Sei.

M: Então já faz um ano e meio. Quer dizer. Não é uma crise. Porque no começo eu achei que era uma crise.

F: Crise você chama de que?

M: Mas a crise não dura mais que quatro meses e é crise de pico. Eu acho que eu sou um máximo.

F: Ah, entendi.

M: E também não consigo trabalhar, você só a mil né (risos). Quatro meses, tchulll ! Né! Mas dessa vez faz um ano e meio, quer dizer que não é uma crise. Eu acho que eu to equilibrado.

F: Você falou que dentro de você, você vivia um drama interior. Que drama era esse?

M: Porque que eu sou assim? Porque que eu não consigo conversar com as pessoas? Aí ontem eu tava prestando atenção na conversa das pessoas, tem umas pessoas... Um medo das pessoas assim, eu não conseguia sintonizar.

F: Como assim, sintonizar?

M: Exemplo, alguém conversa sobre futebol, o outro conversa... Eu não conseguia... Então... Eles conversam... Demonstrar assim... Gostar daquilo, ou não... Quer dizer... Sabe... (fala gaguejada). Demonstrando sentimento... E... Né... Envolvimento. E eu tentava entender, tentava me envolver, tentava sentir, tentava me emocionar, mas não conseguia... (riso). Não vinha nada. Não vinha nada. Mas... Como... Aí... Assim... fazia cair... Aí falei, isso não é vida. Se for viver sem sentir nada, se for na solidão, se for na solidão, né... Porque não aceitava ficar nessa situação.

F: Hum...

M: Mas aí... Isso aí...Então, aí eu ficava nessa luta interior aí... E ia só pra baixo, só caía. Passei anos caindo. Um ano, dois anos, caindo... (fala sem entonação).

F: Mas isso foi até nascer seu filho. Não?

M: Não. Não. Porque antes, antes... Porque antes de eu entrar em crise eu chego no fundo. Eu bato no fundo, tufff! Eu chego num ponto assim, daqui não dá pra cair mais. Aí eu tchuf! Subo. De vez de eu equilibrar... Eu sempre pensei assim, se eu pudesse equilibrar nesse ponto eu manteria.

F: Hum...

M: Mas eu sempre batia e subia. Subia alto de mais.

F: Entendi.

M: Mas dessa vez eu bati... Eu bati... E to controlando. No começo é difícil, hein.

F: É?

M: É!

F: Como você tem feito para controlar?

M: Então a terapia eu tive aqui... Eu fiquei um ano e meio... Tudo... da mudança... Junto com tudo isso... Igualzinho... Começou juntinho a terapia aqui... Eu tinha antes... Com a doutora. Mas...Então... Foi demais... Se eu não tivesse ela pra... Conta... Pra expor tudo que tava acontecendo comigo, não ia dar certo. Porque eu sozinho ia explodir. Sim. Ia explodir uma crise. Eu pondo pra fora as coisas começavam a fazer sentido, porque só dentro de mim tava de mais. (pausa). Aí... Ajudou de mais. Mas acabou.

F: Acabou?

M: Não sei... É... Não deu certo... No final sei lá o que aconteceu... (pausa). Não sei. (Fala sem entonação). Mas eu tava a fim de continuar a fazer o tratamento com alguém.

F: Humhum...

M: Porque é muito importante pra mim. Desabafar, falar... Porque eu colocando pra fora eu consigo materializar isso, sabe? Fica mais concreto, dá pra tirar a resposta de alguém. Bate na realidade, assim... Aí toma forma... Porque se não só na minha cabeça é loucura. No começo dessa crise foi muito demais. Eu tive visão atrás da outra, durante seis meses.

F: Você via coisas?

M: Via.

F: O que você via?

M: É...Transportava pra outro lugar, assim... Era outro lugar. Tinha um pessoal conversando. Eu já vi deus. (riso sarcástico). Conversei com ele. Hum. Ele me mostrou o futuro. (fala com sorriso). De mais, aquilo foi o pico. (riso seco). Foi legal, depois ele me mostrou tudo, depois aí eu saí e ele falou, como é que ele falou... (pausa). Siga o seu caminho. (riso). Eu falei... Eu fiquei decepcionado... (riso). No começo né... Mas depois eu entendi. É legal...

F: Você sente assim desde quando?

M: O que? Assim como?

F: Esses altos e baixos...

M: Então... Com sete anos eu tive um trauma. Muito forte. Foi imediatamente depois disso que começou.

F: Sete anos?

M: É. Uma exposição ridícula. Uma exposição pública ao ridículo. E... Assim oh... Na hora meu... Eu mudei... Uma mudança (pausa). Foi imediatamente. Depois que aconteceu aquilo que eu já saí dali arrasado eu já senti a diferença. Então aquela criança de sete anos é um moleque peralta. Falante pra caramba, curti pra caramba, aí depois disso acabou. Pufff! Zerou. Fiquei vazio. Não conseguia sair daquilo. Não conseguia encarar as pessoas. Não conseguia modificar a situação. Aí comecei a tentar de tudo. Aí tentava de tudo pra dentro de mim. Aí...

F: O que é tentar de tudo?

M: Tentar... Tentar resolver... Tentar... Como é que eu saio dessa... Eu não via saída... Aí eu fazia teorias pra sair daquilo... Então, aí eu me fechei no meu mundo nesse negócio de sair de mim mesmo. Então... Então... A minha questão a minha questão era essa. Então quando as pessoas apresentavam outras questões eu não conseguia entender... Porque eu tava preso dentro da minha própria questão. E me impedia... Porque eu tinha como questão... Era... Arrumar um jeito, arrumar uma maneira de conviver com as pessoas, de me relacionar de novo, porque não dava... Parei de me relacionar... Além disso, minha mãe sempre foi muito dura comigo, sempre me criticou me comparou, sem parar.

F: Você tem irmãos?

M: Tenho um irmão.

F: Te comparava com ele?

M: Não. Comparava com meus primos. Com todos os vizinhos. Todos eram melhor que eu. E eu não tomava jeito. E era assim todo dia. Era um desabafo pra ela, sabe. Ela tava insatisfeita com o casamento dela também né.

F: Com seu pai, ou era o marido...

M: É... Era meu pai.

F: E o seu relacionamento com seu pai, como era?

M: (riso) Meu pai é fanático, religioso até um... Sei lá onde... Fanático... Então eu... Não vejo muito gancho pra conversar com ele... Mas eu me dou bem... Quer dizer... Eu depois de diagnosticado com bipolar, eu fui rebaixado a uma condição de um ser humano anormal, inferior né... Então era assim que eles me tratavam... Como um... Inferior... Mas não inferior com maldade, inferior assim... Fazer o que inferior... Até com um pouco de piedade... Até com piedade... Até com bondade... Mas inferior né... E eu acreditei também. Mas isso aí passou. Passou... (fala sem entonação).

F: E quando que veio o diagnóstico?

M: É... Tinha uns vinte e dois, vinte e um... Não lembro. Mas já tinha feito duas crises já.

F: Já tinha passado um tempão sentindo as coisas que você sentia?

M: Se bem que a depressão é pior do que a crise. Eu sofro mais. Na crise quem sofre é os outros. (riso sarcástico).

F: A crise que você tá falando é no momento de euforia, de mania?

M: De euforia.

F: E aí a depressão...

M: A depressão é... Eu não incomodo ninguém... É... Trabalho... Então não incomodo ninguém... Mas eu to no inferno. Dentro de mim eu to no inferno.

F: E hoje você se considera nem na depressão...

M: Equilibrado.

F: Nem na crise.

M: É. É... Foi difícil. Porque vê bem... Eu não to acostumado a ficar em posição de equilíbrio.

F: Ah? E aí?

M: Então... O que me ajudou muito foi o tratamento. E outras coisas também.

F: Que outras coisas?

M: Eu leio bastante. Eu leio muito Jung.

F: Hã?

M: Durante esse tratamento eu também lia. Mas eu falei pra ela. Mas... Também me ajudou muito... Ixi! Eu li aí identificava um monte de coisa... Então me alimentava... Me alimentava...

F: O Jung você tá falando?

M: É o Jung.

F: Que livro. É um livro?

M: Não. Pegava tudo na internet.

F: Ah. Alguma coisa da Internet.

M: Buscava um monte de coisa. Punha lá no Google e ia lendo. A coisa que eu mais lia na verdade é gente falando. Porque dele mesmo eu lia pouca coisa (Riso).

F: Entendi.

M: Então eu via várias questões dele.

F: Interessante.

M: Só que é duro que quando eu começo é tudo a mesma coisa. Aquela explicação básica, o que é individuação... Aí eu pulava (risos)...

F: Você ia pro que te interessava.

M: É. Mas ajudou demais.

F: Deixa eu te perguntar uma coisa. Você já usou droga?

M: Ah. Durante todo esse tempo eu usei. To usando. Maconha.

F: Maconha?

M: É.

F: Cigarro?

M: É cigarro.

F: É cigarro normal?

M: É. Fumo também.

F: Maconha...

M: Bebo um pouco.

F: Você bebe um pouco também?

M: Também. Só essas semanas. Com os amigos. Eu não tinha agora eu tenho. Quer dizer...

F: Quando você começou a fumar...

M: Todas as crises eu fumei.

F: Maconha?

M: Humhum. Todas as crises de euforia. Quando vinha a depressão se eu fumasse eu soltava no buraco e ia dez vezes mais fundo. Não acreditava... Eu falava, como é possível cair daqui, né... Eu já to no buraco como é que eu vou cair? E eu caia... Então não podia fumar... Era impossível!

F: Aí você segurava... (interrupção de M.)

M: E o duro é que eu tive uma fase que eu tive uns amigos... (fala confusa), sei lá tive uma fase que eu não conseguia fazer amigos, eu tinha três amigos, então um deles, os outros não, um deles fumava... Então eu saia muito com eles e eles fumavam... E eu não podia porque tava mal. Então isso aí me angustiava. Então a primeira coisa quando eu entrei em crise como essa é fazer... Porque também... É... Pra mim saber se realmente eu to bem. Porque se eu tiver com tendência de cair e se eu fumar, eu já vou, tchuf! Caio. Também se eu tiver com tendência de subir... Se eu fumar eu subo. Assim, então é uma referencia pra mim. Então... Quando eu tiver fumando e tiver equilibrado e tal...

F: Entendi. Mas com quantos anos você começou a fumar maconha. Você experimentou pela primeira vez?

M: Mas então... Eu... Durante toda a minha vida. Durante todo esse tempo... Quarenta anos... Depois da crise... Depois do... Dos sete anos... Eu fumei muito pouco... Porque seu eu fumava nas crise... As crises era curta... Eu só tive dez crises... A décima primeira é essa... Então ficou pouco... Sempre foi pouco... Eu fumava durante um período...

F: Então, mas ao longo do tempo você foi fumando?

M: É. Mas nas depressão, nunca! Quando aparecia a depressão ficava dois a três anos sem crise... Eu ficava dois a três anos sem fumar... Eu só fumava nos pico só. Agora depois... Eu to fumando faz um ano e meio.

F: Você tá fumando todo dia?

M: Todo dia. Uma vez por dia. A tarde.

F: O que um cigarro?

M: É. Um cigarro. É relaxo.

F: Relaxo?

M: É relaxo. Mas antes foi uma coisa que contribuiu ora caramba, assim... Eu fumava, levantava as duas bolas, e eu tinha que enfrentar.

F: Como é isso?

M: Eu fumava eu sentia muita coisa. Via as coisa. E eu tinha que enfrentar aquilo. Como enfrentar a crise de uma maneira equilibrada sem... Eu só via que podia entrar... Eu só sei que eu posso entrar em crise... Eu conheço minhas crises... Eu sei que é sair fora da realidade, né... E foi essa depressão. Eu enfrentado aquilo lá, tive que enfrentar as duas possibilidades. E eu não queria. Caí nem subir. Então eu consegui enfrentar. Eu consegui enfrentar a crise. Aquela crise que te põe... te faz sentir peso.

F: E a maconha te ajuda a enfrentar essa crise?

M: Não! Não! Não ajuda a enfrentar. Ela expõe... Aí a enfrentação é outra. Ela expõe, mas é legal. Porque ela expõe, e aí? Tem que por a realidade pra mim enfrentar. Você vai ficar sempre escondida. Se ela ficar escondida, como é que eu vou enfrentar?

F: Espera, deixa eu entender. Você sempre usou nos momentos de crise e momentos picados, mas faz um ano e meio que você fuma todo dia.

M: Direto. Todo dia. É. Porque eu não to mal. Quer dizer. Eu tive... O que me impedia antes de fumar era a depressão. Mas eu não to em depressão. E é gostoso. É bom, relaxa. Agora eu só relaxo. Eu não vejo mais aquilo... Minha mente não acelera mais... Antes acelerava, eu entrava em outro nível da consciência. Agora não. Acabou. Foi só o começo. Mas é gostoso (fala sorrindo) Eu curto.

F: A ideia não é julgar ou dizer que tá errado. A ideia é mesmo conversar sobre essas coisas... (interrupção de M.)

M: Eu já li algumas coisas algumas coisas sobre essa professora na internet. Tem vários... Eu sou programador eu fico...

F: Lendo...

M: Esse ano e meio e não fiz quase nada. Eu fico só pesquisando... Eu faço qualquer servicinho... Que eu já fiz... Eu tenho um monte de coisa pronta... Que só fico pegando dinheiro... Então eu fico só pesquisando... Mas agora eu to lendo. Demais... Isso tá me ajudando de mais. Porque o Jung me ajudou pra dentro, né. De dentro... pra dentro... Agora pra fora quem tá ajudando é Foucault.

F: Como assim?

M: Agora o jeito dele... O conceito dele sobre... Eu converso com ele... Eu fico horas com ele... Me identifico totalmente com ele. De mais... Então... Agora eu to assim...

F: E se... (Interrupção de M.)

M: Então... Agora eu to trabalhando até um pouco mais... Ultimamente eu to melhorando, trabalhando mais. Que eu não tava com vontade. Eu não consigo trabalhar. Mas agora to começando a sentir que... Oh! No começo do tratamento eu tava oscilando de mais. Uma hora eu tava segurando pra não subir de mais, uma outra hora... (Interrupção de F.)

F: Você faz tratamento aqui há um ano e meio?

M: É.

F: Antes você não fez tratamento em outro lugar?

M: Fazia... Fiz... Com uns dez... Tudo estagiário... Tudo um ano... Seis meses...

F: Então, ao longo de dez anos, você fez vários? E agora você há um ano e meio com uma psicóloga que você ficou mais tempo, que você fez um vínculo legal...

M: É... Pena que durou um ano e meio também, né. Eu não sei você... Eu devo ter errado em algum lugar.
(riso)

F: Porque você fala isso?

M: Tá tudo errado no fim. Eu não sei. Não entendi. Também não dá pra entender. Sim... Eu acho que eu... Sei lá... eu to dentro das minhas condições... Deu, não deu... Isso acontece.

F: E os outros tratamentos psicológicos que você fez te ajudou?

M: Eu faço terapia em grupo faz mais de dez anos.

F: De manhã aqui?

M: O mesmo grupo. Dez anos... Uns sete anos né...

F: Hã...

M: No mesmo grupo. Mas isso aí me ajudou... Porque... Eu não conseguia conversar com as pessoas e aí foi um laboratório pra mim. Quer dizer, eu fiquei acho que uns cinco anos sem conversar com ninguém do grupo também né... (riso). Mas... Foi uma coisa que foi criando um... Conversar com as pessoas estranhas... As pessoas conversar... Também ajudou pra caramba. Essa aqui me ajudou pra caramba.

F: Você faz então atendimento sozinho e atendimento em grupo?

M: É. E com a psiquiatra também.

F: Você toma medicação?

M: Humrum.

F: Todo dia?

M: Lítio.

F: Todo dia?

M: É Lítio.

F: Também há um ano e meio. Ou também há muitos anos?

M: Ah! Muitos anos. Se bem que eu fiquei um período... Nove anos sem tomar e sem entrar em crise. E nem depressão... Eu tava com uma depressão muito leve. Eu tava com cercado de trabalho... Tava apaixonado no trabalho...

F: Sei...

M: Então eu não sentia muito... Então eu parei de... Eu parei né... Eu não sentia falta... Até quebrar a empresa. Aí logo... (Interrupção de F.)

F: Então você tinha uma empresa?

M: É. Aí quebrou por causa de traição. E...(Pausa)

F: Você tinha uma empresa sozinho, ou tinha sócios?

M: Não. Sozinho mas meu funcionário quebrou, conseguiu. E junto com esse veio o problema da Hepatite C.

F: Você tem Hepatite?

M: Tinha. Fiz o tratamento e negativou.

F: Consegui negativar.

M: É. Mas fiz três vezes e o terceiro é muito forte. Então eu tive um grupo de crise dos vinte e cinco aos trinta anos fez quatro crises. Depois eu fiquei dos trinta aos quarenta... Dos trinta aos quarenta quase, sem nenhuma crise e só trabalhando e... Eu sentia que eu não conseguia conversar com as pessoas... Mas eu deixei isso de lado e mergulhei no trabalho sabe. Meio de lado assim... Doía assim, de semana, doía... Eu ia numa festa... Doía...

F: Mas tinha a ver com a debilidade física do Interferon ou não?

M: Não, não. Isso aí é normal. Mas o Interferon piorou. Piorou de mais. Me derrubou. Aí... Aí... Me tirou daquele e afundou... Aí comecei... Aí... Seis meses depois, crise... Depois de dez anos. Quer dizer o Interferon disparou o negócio. Eu acho que talvez se não fosse aquilo lá, a minha empresa fosse mais ou menos... Mas foi aquela coisa outra aí... Aí tive quatro crise forte. Mais forte que as anteriores. Radical, né. Aí quando entrava era Deus. Acabou!

F: O que você fazia quando era Deus?

M: É... Não era Deus... Ah! Às vezes eu podia ser também Jesus Cristo, podia ser Napoleão, muita coisa grande... (risos).

F: O que você fazia?

M: Eu ficava... Entendendo tudo. Eu via a televisão; eu sabia o que tava acontecendo. Eu ficava esperando a hora da guerra, sei lá... A hora da mudança. Conversava bastante. Tinha facilidade de conversar com as pessoas... Tinha aquele negócio da barreira... Desmontava... Não via nenhuma dificuldade em conversar com ninguém. (trecho ininteligível). Não sabia os limites. Bom... Também não conseguia parar. Não tinha segunda-feira de manhã... Era todo dia, toda hora, toda hora, toda hora... Entrava num ritmo muito... Forte... Não trabalhava mais, só gastava, ficava sem dinheiro e caía né. Então, mas eu não conseguia equilibrar. Eu saía direto do buraco pro céu. Tchuff! É muito rápido. Impressionante... Essa coisa... Impressionante... Isso aí... cabeça... Tomar o caminho errado... Pronto...!(fala picotada). Então, aí nessa vez eu tomei muito cuidado pra não pegar caminho errado.

F: O que é pegar o caminho errado?

M: Do jeito que eu tava eu fiquei na boca da crise, assim... Mas eu consegui controlar. Eu consegui por a cabeça no lugar e enfrentar a crise sem negar a crise. Porque se eu negasse também eu caía. Se eu falar não

isso vai me salvar eu subia (fala eufórica impedindo F. de falar). Se eu falar não vou por isso de lado e vou observar (fala sem entonação). E... Aprendendo com isso... (trecho ininteligível, fala sem entonação).

F: Enquanto isso você fumava maconha. Te ajudava a dar uma... (fala interrompida por M.)

M: Não... Ajudava. A empresa levantava tudo isso. Levantava coisa bem mais alta. Aí levantava tudo isso.

Falei, nossa! E eu tinha que ficar... Me caí bem eu acho... Tanto relacionamento como é a crise, entendeu...

Os dois, morte da crise, morte... Os dois... Vai conversando... Um não respeita o outro

F: Eles existem dentro de você?

M: É. Os dois. Um não faz sentido com o outro. Exemplo quando eu entro em crise eu falo, mas como eu não consegui conversar com essa pessoa? Eu não conseguia. O que me impedia?

F: Hum...

M: Eu queria saber o que me impedia pra mim saber qual que é a coisa pra mim dominar aquilo lá. Pra mim nunca mais cair. Mas eu não conseguia. E se você quer saber até agora eu não sei... Porque... Eu acho que...

Se eu cair... Porque... O inimigo aqui de baixo ele não vai conseguir de novo, eu cair e me olhar... Porque eu não sei né... Uma coisa... Tem o lado bom... É como se fosse as duas casas da moeda... (fala picotada).

Você ir pra um lado e pra um outro mas o meio não existe. Então você não sabe. Daqui um mês você não consegue determinar . (Trecho ininteligível). Sem passar pelo meio da moeda.

F: Você falou que bebe também um pouco. Como que é essa experiência sua? Você começou a beber com quantos anos. Como é que foi?

M: Então. Eu bebia bastante até os vinte e sete. Aí eu parei. Tchufff!

F: Como que foi?

M: Então eu fiquei uns quinze anos sem beber.

F: Uns quinze anos sem beber.

M: Ah!? Não sei.

F: Você bebia muito?

M: Ah. Bebia por causa da depressão (Fala gaguejada). Muita timidez, sabe.

F: Hum...

M: Eu tentava beber pra quebrar isso né. Mas não quebrava não. Nem com bebida... Não quebrava minha timidez, né. Quebrou no começo, né (risos). Mas depois você acostuma, né. Não adiantava mais. Aí eu bebia, mais... Eu bebia também pra me manter perto das pessoas, porque você vai... Meus amigos tava... Ia em bar...(fala picotada).

F: Que mais.

M: Numa festa as pessoas só estavam bebendo. Então eu bebia também pra me manter perto. Mas eu não bebia assim fora de festa. Nem bebia assim... Saía todo dia pra ir em boteco beber. Não é assim... Mas agora, agora, agora (fala gaguejada)... Por exemplo, ontem foi sexta-feira já não... Porque não é só a bebida, você vai num bar, você vê os amigos, você conversa... Aí você bebe também, faz parte... Então... .

F: Mas e a dose. Você, quando estava em depressão, bebia bastante? Como que era esse uso da cerveja ou do que você bebia? Era cerveja?

M: Era cerveja. Teve um tempo que eu tomei Whisky também. Mas aí eu comecei a ficar ruim do fígado, sabe. Eu comecei a sentir, assim... Ficava mal muito rápido. Passava muito mal com pouca cerveja, aí já... Tem coisa errada... Aí já...

F: Não era por aí?

M: É aí depois descobri que era Hepatite... Aí já... Aí interrompeu, né. Mas isso aí não é questão da cerveja. Isso aí é questão de que isso me prejudicou socialmente, assim... Prejudicou assim eu me aproximar das pessoas, porque... Por exemplo, uma vez por mês eu ia na festa do meu cunhado. Sabe? Por mais mal que eu tivesse eu tava indo bem. Mas agora sem beber eu não conseguia.

F: Hã!

M: Aí já não dava mais. Aí... Eles mesmo se portavam diferente comigo. E eu não conseguia ir na onda. Você vê que eu não ia. Eu não ia muito na onda antes mas (Fala eufórica impedindo F. de falar)... Se eu não bebesse nada, aí eu boiava de vez, né.

F: Porque todo mundo tava bebendo, menos você?

M: Tava todo mundo bebendo, né. E as pessoas vão ficando diferente, né. Aí eu já não acompanhava... Eu já não acompanhava... Já era difícil acompanhar antes, era impossível depois. Aí me isolei mais ainda.

F: Esses dez anos que você... (fala interrompida por M.)

M: Fiquei sem beber...(pausa)

F: Que você ficou sem beber foram os dez anos sem crise?

M: Dez anos sem crise, é.

F: Sem crise psiquiátrica?

M. É.

F: Foram os dez anos que você tava fazendo tratamento pra Hepatite.

M: Não, não. Foi... É... Foi... É... Não. Esses dez anos que eu fiquei sem crise. Não. Metade deles...

F: Uma parte foi bem outra parte não...

M: Parte... Não... (Fala simultânea). É. Meio. Não, não. Na verdade eu parei no fim desses dez anos quando eu fiquei sabendo da Hepatite. Não. Eu fiquei uns cinco... Quer dizer. Ei fiquei uns três anos antes... eu fiquei sabendo, deu o diagnóstico.

F: Hum...

M: Aí eu parei. Mas o tratamento foi feito depois. Uns três... três, quatro anos depois... Do diagnóstico. Demorou pra fazer o tratamento...

F: Então dos trinta aos quarenta você ficou sem crise?

M: É. É.

F: Você descobriu isso um pouquinho antes dos trinta, e ficou aí sem beber, fazer o tratamento até os trinta e alguns?

M: É. Sem beber alguns... Sem beber agora né... É... Faz o que... É eu fiquei um... Oh! Minha memória não é boa. (risos)

F: A ideia não é estabelecer uma cronologia ou algo que aconteceu de fato.

M: É.

F: O jeito como você entende toda essa sua experiência é que eu acho interessante. É o jeito que você vai lembrar, vai falar das suas coisas, então é isso que me interessa. Não o fato real, e tal.

M: É. Eu me perco. Se começar a por data eu me perco. É mais ou menos assim...

F: É que eu to tentando entender como você organiza isso.

M: É. Mais ou menos assim.

F: E você consegue fazer alguma relação entre os seus sentimentos e as crises que você passava de depressão e de euforia? Você consegue fazer uma relação com usar mais ou usar menos droga? Ou não tem nada a ver?

M: Não. Não tem nada a ver.

F: Não tem nada a ver.

M: Porque o controle da crise é o controle da crise. A droga é uma coisa assim, que ela é... hã... é... ela realmente faz girar mais alto né. Então, por exemplo, uma vez eu tive uma crise, então eu falei, não vou fumar.

F: Cigarro?

M: Maconha. Maconha. Aí eu tive a crise. (Fala gaguejada). Porque eu falei assim... vou fazer uma experiência, né. Se eu não fumar quem sabe não é a maconha que tá me fazendo subir de mais e caí, né. Aí entrei em crise aí não fumei, aí tava em casa, fui caindo e tchuff! (trecho ininteligível). Aí fiquei. (Trecho ininteligível). Então, ajuda meu. Pra mim ajuda, no meu caso específico.

F: Te ajuda fumar maconha.

M: Ajuda. Porque faz encarar com mais humor. O que muda é o humor. E assim oh! Eu sem maconha fico pensando... As coisas vão ficando sérias... Sérias, pesadas... Aí já vem o humor já colore. Mas você não pode perder o foco e sair fantasiando. Você tem que aproveitar aquele humor, mas aproveitar o humor pra fazer uma coisa objetiva, assim... Fazer uma coisa que vale a pena. Eu tenho medo de entrar em crise. No começo desse negócio aqui, eu ficava com medo de entrar em crise, então eu me policiava. Mas não pra entrar em crise, me policiava pra não desistir. Assim, pra não falar, isso é uma crise, tchau, to fora disso, que aí é... Eu caía também... Não podia desistir... E também não podia deixar levar. (Trecho inaudível, fala sem entonação e picotada) A primeira vez... Isso nunca passou pela minha cabeça antes. Passava... Entrava... Do buraco pra crise direto. Não chegava nem a questionar. (risos). Tchuff! Já ia direto. Esse para pra pensar eu não entendia.

F: Esse parar pra pensar veio agora há um ano e meio? (Interrupção de M.)

M: É. Acho que aí o tratamento com a psicóloga me ajudou muito a pensar. Ela é uma referencia também. Ela é a... Eu sabia que se eu tivesse flutuando ela ia perceber.

F: Humrum...

M: Então ela me ajudava a policiar.(risos)

F: Ah! Entendi!

M: Então é importante. Super importante.

F: E o cigarro. Ele te acompa... (Interrpção de M.)

M: Qual cigarro? Cigarro comum?

F: Cigarro normal.

M: Ah. Fumo assim, um maço por dia.

F: Sempre te acompanhou nesse período todo?

M: E é gostoso. (Fala simultânea a de F.). Ah. Não! Esse período todo sim. Eu, aqueles dez anos eu não fumei cigarro.

F: Você não fumou cigarro.

M: Não. Aí quando teve a crise eu já queria cigarro. Aí eu falei, não tem jeito. Aí eu... Tive quatro crises recentemente, né. Então eu tinha a crise, voltava, ficava mal pra caramba. Eu ficava arrasado de ter tido crise. Porque toda vez que eu tinha a crise perdia o emprego, ou era rebaixado no emprego, ou entrava ganhando menos. Quer dizer eu só tomava, né. Aí fui ficando mal, tentava parar de fumar. Ficava arrasado... falava assim, e agora, minha família, vou deixar minha família cair. Quer dizer... Eu via minha família passando fo... Assim no futuro próximo, passar fome, sabe? Um inferno. Depois da crise você... (Interrupção de F.).

F: É como se você se desesperasse?

M: Me deu desespero. E dentro do desespero

F: E o cigarro entrava nisso? (Fala simultânea a de M.). Te ajudava...

M: Assim... Nunca uma coisa nunca foi suficientemente grande pra enfrentar os meus problemas. Cigarro, bebida, nunca foi suficiente pra tirar esse... Nunca foi equiparado aos meus problemas.

F: Hãram.

M: Nem se equipara. Meu problema é meu problema, as coisas são as coisas. Eu não junto as duas coisas.

F: Entendi.

M: É. Também não é... Ixi... Uma coisa muito pouca, por que... Tudo bem... ela é refletida o meu problema é... Ela realmente tem um efeito. Mas assim, pra mim, por exemplo, se eu fumar dois ou três cigarros por dia aí começa a sumir o efeito. Eu fumo um por dia pra ter o efeito.

F: Ah! Tá!

M: Por que aí eles aparecem.

F: Pra dar um baratinho, pra você relaxar...

M: É. Pra sentir a mudança. Sentir o... Se não você fica no mesmo clima sempre aí vira rotina.

F: Entendi.

M: E também não é interessante. Não é interessante porque eu sou muito menos produtivo.

F: Você acha que você produz mais fazendo esse uso de uma (interrupção de M.)

M: Produzo mais... E ao mesmo tempo sem o efeito, né.

F: E tem esse controle. Ter o efeito, não ter o efeito.

M: É, é pra sentir as duas coisas. Embarcar numa coisa só...

F: Então é como se você estivesse experimentando as sensações...

M: É. Se tiver qualquer tédio pra mim é de mais. Então um fica quebrando o tédio do outro. (Risos).

F: Entendi.

M: Então... Eu, por exemplo, eu to equilibrado. Eu tenho que oscilar. Por que se eu ficar... Se eu chegar uma hora e ficar só bem durante muito tempo, assim...

F: A gente tá só conversando, fica tranquilo.

M: É um tédio né meu... Então eu sinto. Às vezes eu to melhor, às vezes eu to pior.

F: O que é tédio, que você chama de tédio?

M: Tédio é assim, você ficar na mesma. Não vê saída pra aquilo. Querer sair daquilo e não vê saída e não tirar daquilo. Aquilo lá vai dando uma coisa né. E as minhas depressão era só isso, né. É puro isso.

F: É o tédio.

M: Tédio total. Ow! (Fala eufórica in interrompendo F.). Você tem que trabalhar, porque você tem que trabalhar, porque você tem família, você tem que ganhar dinheiro. Eu viro um escravo, só falta por as correntes, sabe. Fica puxando... Escravão.

F: Humrum...

M: Eu tenho, porque eu tenho.

F: E o equilíbrio é uma sensação de não tédio?

M: É o equilíbrio é. Então aí tem que ficar respirando, né. Então... Mergulho um pouco, saio um pouco. É, mas olha só... Então, geralmente eu saio um pouco quando eu fumo. Aí eu tchuff!... Começo a subir... Os pensamento começam a levar. Começa a acontecer umas coisas mais alto. Mas se eu continuar fumando, estabiliza lá, e fica lá... Não, não gosto... Aí quando eu to sem fumar, sem nada, eu penso no real, no aqui e agora, no serviço, na minha mulher... Quer dizer.... Sem a maconha eu fico mais... Com a maconha eu fico mais alto, vejo as coisas mais de cima, observo mais. E eu não consigo fazer isso sem ela.

F: É algo que usar a maconha faz sentir.

M: É propicia.

F: Propicia?

M: É um ângulo que eu não consigo simular fora dela. É como se eu me visse de outro ângulo, assim. Eu fumo, mudo de ângulo. (Riso). Aí tudo aquilo que você tava fazendo antes, você fala, nossa! Que eu fiz? Mas é gostoso, porque... É... Gosto de mudar o ponto sem sair do lugar. (Riso).

F: Entendi.

M: É interessante vê... É... Pelo menos no meu caso... Todo mundo fala que isso não é uma religião (fala sem entonação)

F: Hã?

M: Isso não é uma religião! Mas é que no meu caso faz sentido.

F: E como que é. Você falou que no começo do seu relacionamento com sua mulher, com seu filho... Você ficou meio sem sentimento. Você não tinha...

M: É. Eu não tinha sentimento. Minha mulher reclamava de mais. A única coisa que ela reclamava era isso...

F: Você ainda é casado?(M. Interrompe)

M: Parece que você não tem sentimento, parece que você não gosta dos seus filhos (Fala em continuação à própria reflexão). As vezes você entra em casa e parece que você nem saiu de casa, nem cumprimenta, nem olha. O problema da minha mulher é o contrário da minha mãe...

F: Hã...

M: A minha mãe, ela me perturbava de manhã, à tarde e a noite. E se ela não tivesse uma coisa nova pra falar ela falava a mesma coisa, repetia. Aí eu rezava pra acontecer uma coisa nova pra mudar, me xingar de outra coisa, me comparar com outra pessoa. Agora minha mulher não... Minha mulher, Ixi! Minha mulher me salvou. Se não fosse por ela eu já tinha conseguido me matar já. Suicídio.

F: Então seus filhos e sua mulher te segurou contra o suicídio?

M: E hoje eu... Dei sorte. Porque... Sorte...

F: Você ainda está casado?

M: To, to com ela.

F: Você tem...

M:Três filhos.

F: Três filhos?

M: É.

F: Você mora com eles?

M: É. Tudo estudando, gastando um dinheirão, eu tenho que sustentar. Mesmo estando em crise eu tenho que dar um jeito de ganhar dinheiro.

F: E aí, você dá conta?

M: Dessa vez eu dei, das outras não dei. (risos).

F: Não! Mas você tá dando conta?

M: Ah! Sim, eu to desempenhando o papel direitinho. Estou conseguindo enganar. To conseguindo ganhar um dinheirinho o suficiente pra conseguir levar. Eu entrei em... Tipo, numa crise, mas eu não... eu não consegui manter um emprego. Quer dizer, meu desafio maior é conseguir manter o meu serviço. Eu não tive...

F: É uma vitória pras você?

M: É um símbolo de que eu to no caminho certo. Vitória seria o fim de alguma coisa, né. To na luta.

F: Você tá na luta.

M: É.

F: Que interessante. Que legal. E eles moram com você? Qual o nome deles? É sua mulher...

M: É Carla, Luis, Carolina e Francisco.

F: E mais um filho?

M: O Francisco. É.

F: Que é mais novo?

M: É. Mais novo. Caçula. O que dá mais trabalho também.

F: Dá mais trabalho?

M: É. Nada... Olha... Os três, eles... é uma coisa chocante porque eu não falava com eles. Agora eu fico enchendo o saco deles. (risos). E eles... É muito estranho... Eu faço de um jeito que...

F: Como que é encher o saco?

M: Ah, eu brinco com eles, eles ficam nervosos comigo eu fico simulando situação de ficar nervoso com eles. Sabe, eu fico... No humor. Se bem que no fim o mais novo ele... Às vezes... Ele... É impertinente né (Fala dita pelo filho para o pai). Aí eu fico bravo com ele. Nossa, você acredita, ele acha que manda em mim mesmo, porque... Não! Eu cheguei a ponto de ser mandado pelo meu filho mais novo... Me rebaixar... Pior que eu não posso culpar ninguém dele me rebaixar porque eu rebaixava ele também. Quando eu fiquei sabendo da... Do laudo técnico aí que eu sou Bipolar, eu também rebaixei. Então eu não posso culpar as pessoas por ter me rebaixado, entendeu? Porque eu fiz a mesma coisa comigo.

F: Entendi. Deixa eu te perguntar uma coisa. Sua mulher tem quantos anos?

M: Hum... derra...

F: Mais ou menos...

M: Cinquenta e dois...

F: Seu filho mais velho?

M: Vinte... Vinte.

F: Vinte?

M: O mais velho, é.

F: E a filha?

M: É... Quinze... O mais novo tem quatorze.

F: E a sua mulher trabalha com o que?

M: Em casa. Do lar. Eu sustento ela em casa. Só que ela tem que ralar, têm que lavar tudo, a casa...

F: Mas ela cuida de tudo?

M: É. Ela cuida de tudo, ela não tem empregada.

F: E o seu filho mais velho trabalha? Ou ele está estudando?

M: Ele tá estudando em São Paulo, na (Fala o nome da Universidade onde o filho estuda) em (Fala o nome da cidade) tá fazendo administração.

F: Ah, é!

M: É. Eu não acreditei quando ele falou não. Ele que escolheu. (pausa). Então, to sustentando ele lá ainda.

F: Está sustentando ele lá?

M: Humrum.

F: E a filha?

M: Minha filha tá estudando no (Fala o nome da escola da filha). E o meu moleque também. O mais novo também.

F: Ia está no ensino médio então?

M: É. E o mais novo também.

F: [Está no ensino fundamental dois]... A renda aproximada de vocês é mais ou menos quanto? Só você trabalha então?

M: Eu com meus bico... Eu sou afastado pelo INSS né... mais meus bico, dá pra viver. Daí eu estou levando. Mas também não estou fazendo muitos planos futuros não porque, parece que eu to sempre mudando, to sempre tendo que me adaptar. Não projetar futuro, assim... Não tem que ter pressa. Não importa... Mas eu não quero ter... Pressa. Eu to aceitando as coisas na minha cabeça.

F: Dessa renda sua depende você; você, seus filhos, sua mulher... Mais alguém?

M: Não, só a minha família.

F: Você tem alguma religião?

M: Eu? (Aponta negativamente com a cabeça).

F: Não?

M: Minha mulher sim, católica. Ah! Eu... Os outros... Se precisar de ir na igreja... Eu vou... Mas eu... Não faz minha cabeça.

F: Então você não tem. Você não tem.

M: Isso aí foi uma coisa que eu dei em cima em uma das minhas crises.

F: Como assim?

M: Ah, porque esse negócio de Deus, esse negócio de Jesus... Me infernaram a minha cabeça porque eu tentei usar Deus e Jesus pra resolver meus problemas, e aí que não resolveu nada (risos). Aí que eu usei isso aí até que eu falei assim, chega! Eu tive crise de achar que era o demônio, tive que achar... Pra

compensar... Aí, então, aí eu falei, sai; você não está resolvendo nada (risos). Eu não penso usando essas coisas. Usando Deus... Usando símbolos assim. (Trecho inaudível, fala sem entonação). Quando eu fiquei mais velho, Psinn! Zerou também. Eles fizeram catecismo, fez tudo! Eles sozinho, eu não fiz a cabeça de dele não! Ele foi começando a desconfiar, desconfiômetro dele...

F: E você fuma maconha junto com sua mulher, junto dos seus... (Interrupção de M.)

M: Não. Mas minha mulher sabe.

F: Ela sabe, mas ela não fuma?

M: Não. Nem meus filho. Eu fumo em uma pista perto de casa. Caminhando. Foi lá que eu comecei. Foi lá que eu tive duas visões. É lá que eu fumo na verdade. Eu não fumo em casa.

F: Hum. Não fuma em casa. Nem com os filhos, nem...

M: Em casa... Hum... Os vizinhos iam... Perceber. Então eu tenho que sair, né. A não ser de madrugada... Assim... Dá né.

F: Entendi. De certa maneira então é uma coisa que você faz escondido?

M: É.

F: Mas cigarro não.

M: Não. Não.

F: Maconha é uma coisa totalmente escondida.

M: É... é uma coisa ilícita, né.

F: hãram...

M: Mas ilícita assim... Eu respeito que seja ilícita... Mas no interior...Mas aqui dentro pra mim não tem nada a ver. Na minha cabeça, não. Mas eu respeito. Mas também não faço nada pra desrespeitar.

F: Entendi.

M: Essas coisas é bom não mexer, né.

F: O que seria fazer alguma coisa pra desrespeitar?

M: Sair no meio da cidade fumando, né.

F: Ah, entendi.

M: Ou na frente de mulher e de criança, assim... Tem que privacidade... Uma coisa mais afastado né... Mais longe, é uma coisa particular. É uma coisa privada. Inclusive não gosto de sair com alguém assim que não...

F: Que fuma também...

M: Não, eu gosto de sair com fuma e alguém que goste. Geralmente quando eu saio com quem fuma dá pra conversar.

F: Hã?

M: Eu lembro o tempo que eu não fumava, não podia, mas eu ia muito numa praça. A praça lotava de usuário. Foi a época que eu mais gostei... Só que eu não podia... Eu tava travado... Assim, eu não conseguia conversar com ninguém. Eu ia lá, puta que legal! Todo mundo conversando, todo mundo fumando, e

brincando... E eu mal (risos). Mas eu tenho saudade, cara! Eu não conversava com ninguém mas o pessoal ... Eu fui lá... Fiz meu amigo... Amizade com um cara... Fumava... Tinha três amigos o... (trecho gaguejado). E um deles era assim era zueira pra caramba. Fumava. Hum... Legal...

F: M. nos estamos terminando, e como eu disse não vou usar seu nome mesmo. Que nome você acha que você gostaria de ser chamado no trabalho?

M: Eu sou ruim pra por nomes nas coisas... Inventa um nome pra mim.

F: Se você quiser também. Se você não quiser eu invento um nome depois. Posso por, mas acho que é uma coisa que pode ser sua.

M: Ah... Não.... hum... Põe (fala o nome de sua preferência).

F: Você quer me contar mais alguma coisa?

M: Eu queria saber o seguinte, eu queria saber, se você pode me ajudar. Eu queria fazer um tratamento, eu queria fazer terapia.